

## ETNOBOTÂNICA NAS TERRAS ALTAS E BAIXAS NO CENTRO-OESTE DO BRASIL

**Liliane Ziegler Lezan<sup>1</sup>**

*Universidade Federal de Mato Grosso*

**Tereza Auxiliadora Nascimento Ribeiro<sup>2</sup>**

*Universidade Federal de Mato Grosso*

**Maria Corette Pasa<sup>3</sup>**

*Universidade Federal de Mato Grosso*

### RESUMO

A Etnobotânica definida como a ciência que estuda o conhecimento e as conceituações desenvolvidas por qualquer sociedade a respeito do mundo vegetal é expressiva ao desvelar as plantas culturalmente usadas e manejadas por populações mato-grossenses de descendências afrobrasileira e indígena, que representam a história de ocupação humana. A metodologia trata de análises qualitativas e quantitativas sobre o valor de uso das plantas alimentares e medicinais que traduzem o processo de ocupação humana histórica no estado do Mato Grosso. Trata-se de estudo transversal realizado nas terras altas e baixas do Mato Grosso incluindo as comunidades: Passagem da Conceição; Vale das Pedras (Rosário Oeste - Alto Paraguai); Bauxi (Alto Paraguai); Carne Seca (Pantanal). Os resultados registram um total de 176 espécies, distribuídas em 62 famílias botânicas e 743 citações para os diversos usos das plantas citadas. As famílias mais representativas são, Fabaceae, Lamiaceae, Myrtaceae, Rutaceae, Rubiaceae, Solanaceae, Anacardiaceae, Arecaceae.

**Palavras chaves:** Plantas medicinais, Etnobotânica.

<sup>1</sup>Mestranda em Ciências Florestais e Ambientais pela Universidade Federal de Mato Grosso(UFMT), Programa de Pós-graduação em Ciências Florestais e Ambientais, Cuiabá –MT. Av. Fernando Corrêa da Costa, nº 2367 Bairro Boa Esperança – CEP: 78060-900. ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-9009-9574>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8050426907450013>. E-mail: [lezanzl@outlook.com](mailto:lezanzl@outlook.com)

<sup>2</sup>Doutora em Ciências pela Universidade Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Professora do Instituto de Química da Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, Mato Grosso, Brasil. Endereço para correspondência: Av. Fernando Corrêa da Costa, nº 2367 Bairro Boa Esperança –CEP: 78060-900.

<sup>3</sup>Doutora em Ecologia e Recursos Naturais pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Professora do Instituto de Biociências da Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, Mato Grosso, Brasil. Endereço para correspondência: Av. Fernando Corrêa da Costa, nº 2367 Bairro Boa Esperança –CEP: 78060-900. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5304-5294>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6935789833701375>. E-mail: [pasaufmt@gmail.com](mailto:pasaufmt@gmail.com).

# ETHNOBOTANY IN THE HIGHLANDS AND LOWLANDS IN CENTRAL-WEST BRAZIL

## ABSTRACT

Ethnobotany, defined as the science that studies the knowledge and concepts developed by any society regarding the plant world, is significant in revealing the plants culturally used and managed by Mato Grosso populations of Afro-Brazilian and indigenous descent, which represent the history of human occupation. The methodology involves qualitative and quantitative analyses of the use value of food and medicinal plants that reflect the process of historical human occupation in the state of Mato Grosso. This is a cross-sectional study carried out in the highlands and lowlands of Mato Grosso, including the communities: Passagem da Conceição; Vale das Pedras (Rosário Oeste - Alto Paraguai); Bauxi (Alto Paraguai); Carne Seca (Pantanal). The results record a total of 176 species, distributed in 62 botanical families and 743 citations for the various uses of the plants cited. The most representative families are Fabaceae, Lamiaceae, Myrtaceae, Rutaceae, Rubiaceae, Solanaceae, Anacardiaceae, Arecaceae.

**Palavras chaves:** plantas medicinais, etnobot.

## ETNOBOTANÍA EN LAS TIERRAS ALTAS Y BAJAS DEL CENTRO-OESTE DE BRASIL

## RESUMEN

La etnobotánica, definida como la ciencia que estudia los conocimientos y conceptos desarrollados por cualquier sociedad sobre el mundo vegetal, es significativa al revelar las plantas culturalmente utilizadas y manejadas por las poblaciones de ascendencia afrobrasileña e indígena de Mato Grosso, que representan la historia de la ocupación humana. La metodología aborda análisis cualitativos y cuantitativos del valor de uso de plantas alimenticias y medicinales que reflejan el proceso de ocupación humana histórica en el estado de Mato Grosso. Se trata de un estudio transversal realizado en las tierras altas y bajas de Mato Grosso, incluyendo las comunidades: Passagem da Conceição; Vale das Pedras (Rosário Oeste - Alto Paraguay); Bauxi (Alto Paraguay); Carne Seca (Pantanal). Los resultados registran un total de 176 especies, distribuidas en 62 familias botánicas y 743 citas para los diferentes usos de las plantas mencionadas. Las familias más representativas son Fabaceae, Lamiaceae, Myrtaceae, Rutaceae, Rubiaceae, Solanaceae, Anacardiaceae, Arecaceae.

**Palavras chaves:** Plantas medicinais, Etnobotánica.

## INTRODUÇÃO

O interesse dos povos em relação ao meio ambiente, em destaque o reino Planta, data milhares de anos e se destaca por formar um rico arsenal de produtos botânicos, químicos, orgânicos e inorgânicos com diversos potenciais de exploração humana. E, as civilizações primitivas já usavam e tinham a percepção da existência das plantas e do seu potencial curativo no combate às doenças (LEITE et al., 2015).

A Etnobotânica é a ciência que permite compreender as formas pelas quais as populações classificam, nomeiam e utilizam as espécies de plantas e a relação existente entre a medicina tradicional e o homem sendo muito interessante, pois é uma ciência interdisciplinar que aborda o estudo e a interpretação do saber, da significação cultural, do manejo e dos usos tradicionais da flora (CABALLERO, 1979; AMOROZO, 1996; ALBUQUERQUE & HANAZAKI, 2009). Atualmente, grande parte da população brasileira tem encontrado nas plantas medicinais, uma importante fonte de recursos terapêuticos. Nesse sentido, os estudos etnobotânicos assumem expressiva relevância em razão de contribuírem para visualizar a interface entre as comunidades e esses recursos genéticos vegetais (PASA et al., 2019).

No contexto histórico o uso popular de produtos naturais pela humanidade abrange diversas finalidades em diferentes contextos. Dado a sua importância é um tema que vem sendo amplamente discutido com destaque o Brasil (LIMA et al., 2007). Diante do crescente uso de plantas medicinais e seu diverso e inesgotável arsenal terapêutico, as indústrias farmacêuticas têm investido cada vez mais em pesquisas envolvendo a flora, uma vez que a maioria dos medicamentos já existentes no mercado são originalmente extraídos das plantas (FERREIRA & MATSUBARA, 1997). Tal afirmação confirma a necessidade e a importância de pesquisas para a comprovação das atividades fitoquímicas farmacológicas das plantas medicinais utilizadas popularmente, bem como para a descoberta das suas propriedades curativas e toxicológicas (GASPARRI, 2005).

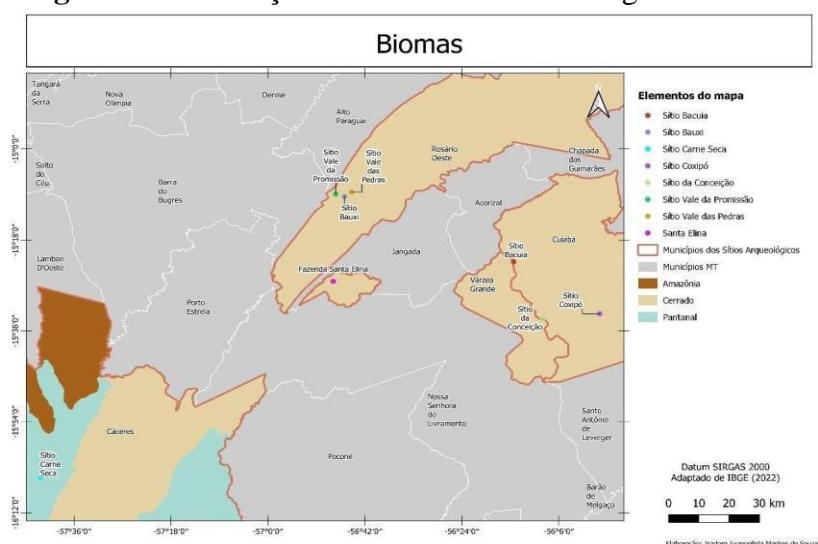
Neste contexto, ao avaliar a importância das plantas nas comunidades tradicionais mato-grossenses, objetivamos investigar o potencial etnobotânico na segurança alimentar e medicinal das famílias e, questões norteadoras ilustram as condições atuais e acenam para o futuro das plantas no mundo moderno: 1) *a diversidade de plantas atende à soberania alimentar das famílias tradicionais rurais em estudo?* 2) *A biodiversidade local está ameaçada pela falta de manejo e/ou conservação?* 3) *os sistemas agroflorestais são predominantemente praticados e conservados nestas comunidades rurais?* 4) *As práticas etnobotânicas são semelhantes às praticadas em outras comunidades rurais?*

## MATERIAL E MÉTODOS

### ÁREAS DE ESTUDOS

O estudo foi desenvolvido em municípios mato-grossenses nas comunidades: 1) Passagem da Conceição; 2) Vale das Pedras (Alto Paraguai), 3) Bauxi (Alto Paraguai) e 4) Carne Seca (Cáceres, Pantanal), conforme Figura 1.

**Figura 1.** Localização das comunidades mato-grossenses. MT. 2023.



**Fonte:** Qgiz. 2023.

As comunidades foram selecionadas a partir do SGPP nº 560/2023 Propeq/UFMT “Etnobotânica nas terras altas e baixas do Mato Grosso: o processo de ocupação sul-americana”, que versa sobre o problema: a perda da diversidade cultural e genética vem sendo motivo de preocupação nas atividades autossustentáveis nessas comunidades tradicionais?

Nesse contexto, partiu-se da hipótese de que as comunidades em estudos exercem atividades de manejo e conservação dos recursos vegetais, como forma de evitar a erosão genética e cultural da diversidade das plantas locais. Desta forma, a seleção das comunidades ocorreu pela importância histórica de ocupação nas regiões mato-grossenses, associado ao manejo e cultivo das espécies, especialmente as alimentares e as medicinais, pois emergem fortes contribuições para estudos Etnobotânicos.

### **Caracterização cultural e ambiental das comunidades**

**Passagem da Conceição** - pertencente ao município de Várzea Grande de acordo com a Lei Estadual nº 892 de 13/07/1923 em distrito e, pela Lei Estadual nº 370, de 31/07/1954 (IBGE, 2016). O principal tipo de vegetação é do Cerrado com épocas de seca e chuvas, na época da seca, há uma maior escassez de água, o que é amenizado pela incorporação de espécies exóticas úteis, principalmente na alimentação e para utilização de remédios naturais, trazidas por imigrantes, parentes ou viajantes como o próprio relato de alguns informantes.

**Bauxi, Alto Paraguai** - O povoamento do Distrito de Bauxi está localizado na região ao sul mato-grossense, clima tropical, ou seja, quente e subúmida. Com períodos de seca de aproximadamente cinco meses. Estando ainda intrinsecamente ligada à história da fundação de Rosário Oeste, o povoamento se deu pela descoberta do ouro na região. De acordo com historiadores, os primeiros moradores a fixarem residências ali ocorreu por volta de 1.750, por povos da nação Bakari. A economia da região gira entorno da prática agrícola, ressaltando que a mandioca é o principal produto agrícola cultivado no município, além das culturas de arroz e milho e com o plantio de caju e bananeiras e da pecuária. Até os dias atuais o município conta com a tradicionalidade mantendo o consumo de plantas medicinais assim como o cultivo em seus quintais.

**Vale das Pedras, Alto Paraguai** - A Comunidade Vale das Pedras situada entre os municípios de Barra do Bugres e Serra das Araras, Porto Estrela e Cáceres, encontra-se especificamente ao norte do Pantanal mato-grossense marcados por vegetações e espécies oriundas do bioma do Cerrado (AB' SABER, 2003).

**Carne Seca, Pantanal** – Localizada em Cáceres, a comunidade exerce atividades econômicas através da coleta de frutos comestíveis e até mesmo com finalidades medicinais, principalmente para o uso sustentável familiar.

O universo amostral foi de 84 participantes e 41 residências, todos moradores das comunidades estudadas que se auto identificam como população tradicional e que atenderam os seguintes critérios de inclusão: ambos os sexos, maiores de 18 anos de idade e que após a apresentação do objetivo da pesquisa aceitaram de livre e espontânea vontade participar do estudo assinando os documentos: **1.** Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE e, **2.** Termo de Consentimento Pós-Esclarecido, ficando uma via com ele e a outra com o pesquisador, que serão arquivadas por um período de cinco anos, de acordo com a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos CEP – Saúde – da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT, Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) de Parecer nº 03646018.9.0000.8124.

O delineamento metodológico abordou tratamentos qualquantitativos. Para a análise qualitativa as informações etnobotânicas através das entrevistas dos tipos semiestruturada e aberta, observação direta, turnê-guiada, anotações de campo, registro de imagens e organizadas em uma planilha de dados excel. A pesquisa qualitativa aborda um estado de realidade cultural que não pode ser quantificado, obedecendo ao “universo” de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes. A estatística descritiva analisa os dados socioeconômicos dos

informantes e as relações entre pessoas e plantas no seu cotidiano (MINAYO, 1994). A aplicação das entrevistas, de maneira informal, todos os informantes responderam as mesmas perguntas referentes ao(s) nome(s) popular (es), parte(s) utilizada(s), uso(s) popular(es), modo(s) de uso, manejo na coleta e preparo planta e armazenamento. A coleta de informações consistiu na aplicação de entrevistas semiestruturadas (MINAYO, 2007), com questões em abertas (*open-ended*) e fechadas (*closed-ended*) (ALBUQUERQUE et al., 2010). A técnica utilizada foi a *snowball sampling*, também conhecida como a técnica Bola de Neve, segundo BALDIN e MUNHOZ (2011).

Para análise quantitativa foi aplicado o Nível de Fidelidade (NF), segundo Phillips (1996) e Friedman *et al* (1986):

$$\text{NF} = \text{Fid} \times 100 \text{ Fsp}$$

$$\text{FC} = \text{Fsp}/\text{mais citada}$$

$$\text{Pcup (\%)} = \text{NF} \times \text{FC}.$$

A frequência relativa do uso de cada espécie citada Pcup(%) é operacionalizado pelo produto do Nível de Fidelidade (NF) com o Fator de Correção (FC). As patologias serão associadas com as categorias nosológicas conforme a Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID-10) (OMS, 2008). Para a obtenção dos dados etnobotânicos foram anotados as espécies vegetais usadas e os dados referentes ao(s) nome(s) popular(es), parte(s) utilizada(s), forma de uso(s) popular(es), modo(s) de administração e indicação(ões) de uso(s), cultivos, manejos, processos de colheita, estocagem e consumo etc.

Os nomes científicos e respectivas famílias botânicas foram identificados de acordo com o sistema de classificação ANGIOSPERM PHYLOGENY GROUP (2016) e LORENZI (2002). As coletas ocorreram em 2023 e 2024, através de turnê-guiada pelos quintais, roças, matas, com a presença do informante. Após, realizou-se a identificação do material coletado (vegetativo e reprodutivo) no Herbário da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT).

## RESULTADOS

O estudo foi realizado em comunidades tradicionais rurais mato-grossenses: Bauxi (CB), Carne Seca (CCS), Passagem da Conceição (CPC) e Vale das Pedras (CVP), somando um total de 41 domicílios e 84 pessoas, que atenderam o critério da pesquisa. Desse total de participantes, 90% declaram ser de origem racial afrodescendentes, e 6% declaram ser descendentes de Indígenas. Entre os entrevistados 44 são mulheres e 40 são homens e todos eles maiores de 18 anos de idade (Figura 2).

**Figura 2.** Aplicação das entrevistas nas comunidades rurais.



**Fonte:** Acervo dos autores. 2023.

O gênero feminino com 51% se deve ao fato de que as mulheres estão envolvidas nas atividades de dona de casa e cuidados com os filhos, motivo que as atraem para afazeres próximos da residência como horta e quintal, especialmente com plantios, coletas e limpeza deste espaço culturalmente modelado segundo seus saberes e tradição étnica. Os homens se dedicam às atividades da roça e/ou trabalhos braçais na vila, sendo a maioria aposentados. Quanto a religião 91% declararam ser Católicos, 7% Evangélicos e 2% Espírita. Ao se tratar do estado civil 70% são casados, 13% são viúvos, 2,5% em união estável registrado em cartório e 3,5% amigado. O nível de escolaridade com concentração maior para o Ensino Fundamental, completos ou incompletos, totalizando 45% dos participantes. Esse número reflete as dificuldades enfrentadas ao acesso a escola, nas comunidades de Bauxi, Passagem da Conceição e Carne Seca, pois as regiões, ainda hoje, contam tão somente com a Educação Básica. O acesso as escolas era difícil, pois o percurso se dava pelas matas e a pé, ou pelo rio Cuiabá de canoa.

## Dados Botânicos e Etnobotânicos

Nas residências e no seu entorno (roças, quintais e matas) a variedade de plantas utilizadas nas etnociategorias alimentar e medicinal são 176 espécies, distribuídas em 62 famílias botânicas e 735 citações para os diversos usos das plantas citadas. Entre as famílias as que alcançaram maiores representatividades são: Fabaceae (n=16), Lamiaceae (n=14), Myrtaceae (n=13), Rutaceae (n=8), Rubiaceae (7), Solanaceae (7), Anacardiaceae (n=6), Arecaceae (n=6) e conforme Tabela 1.

**TABELA 1.** Dados botânicos e etnobotânicos das comunidades estudadas. 2024.

Família	Nome científico	Nome popular	Uso	Hábito	Origem	Parte usada	Indicações
<b>Alismataceae</b>	<i>Echinodorus grandiflorus</i> (Cham. & Schldl.) Micheli	Chapéu-de-couro	M	He	N	Folha/raiz	Infecção urinária
<b>4Amaranthaceae</b>	<i>Gonphrena officinalis</i> Mart.	Paratudo/flor-do-diabo	M	He	N	Raiz/folha/flor	Colite do reto
<b>Amaranthaceae</b>	<i>Gomphrena globosa</i> L.	Perpétua-branca	O/M	He	N	Flor	Cólicas
<b>Amaranthaceae</b>	<i>Alternanthera brasiliiana</i> (L.) Kuntze	Terramicina	M	He	N	Folhas	Inflamação em geral
<b>Amaranthaceae</b>	<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Erva-de-Santa-Maria/mastruz	M	SArb	E	Galho/folhas	Vermes
<b>Amaryllidaceae</b>	<i>Allium fistulosum</i> L.	Cebolinha	A	He	E	Folhas	Vermes
<b>Anacardiaceae</b>	<i>Spondias mombin</i> L.	Cajá-manga	A	Ar	N	Frutos	Vermes
<b>Anacardiaceae</b>	<i>Mangifera indica</i> L.	Manga	A	Ar	E	Frutos	Vermes
<b>Anacardiaceae</b>	<i>Spondias lutea</i> L.	Seriguela	A	Ar	E	Frutos	Vermes
<b>Anacardiaceae</b>	<i>Anacardium occidentale</i> L.	Caju	A	Ar	N	Frutos	Vermes
<b>Anacardiaceae</b>	<i>Mangifera indica</i> L.	Manga-Rosa	A	Ar	E	Frutos	Vermes
<b>Anacardiaceae</b>	<i>Schinus terebinthifolia</i> Raddi	Aroeira	M	Ar	N	Casca	Cicatrizante/dor de estômago

<b>Annonaceae</b>	<i>Annona squamosa</i> L.	Ata-de-casa/ata	A	Ar	N	Frutos	Cicatrizante
<b>Annonaceae</b>	<i>Annona crassiflora</i> Mart.	Ata-do-mato	A	Ar	N	Frutos	Cicatrizante
<b>Apiaceae</b>	<i>Coriandrum sativum</i> L.	Coentro	A/ M	He	E	Folhas	Colesterol
<b>Apiaceae</b>	<i>Petroselinum crispum</i> (Mill.) Fuss	Salsinha	A	He	E	Folhas	Estimulante do apetite/ sedativo
<b>Apiaceae</b>	<i>Eryngium foetidum</i> L.	Coentro-castela	A/ M	He	E	Folhas	Constipação/ insônia/ estômago
<b>Apiaceae</b>	<i>Foeniculum vulgare</i> Mill.	Erva-doce	M	He	E	Semente	Calmante/ aromático
<b>Apiaceae</b>	<i>Pimpinella anisum</i> L.	Erva-doce/anis	M	He	E	Semente	Calmante/ digestão
<b>Apiaceae</b>	<i>Angelica</i> DC.	Anjelica/ erva-do espírito-santo	A/ M	He	E	Folhas	Indigestão
<b>Apocynaceae</b>	<i>Macrosiphonia velame</i> (A. St.-Hil.) Müll. Arg.	Velame-branco	M/ O	He	E	Folha/ frutos	Inflamação/ diurético
<b>Apocynaceae</b>	<i>Adenium obesum</i> (Forssk.) Roem. & Schult.	Rosa-do-deserto	O	He	E	Planta inteira	Ornamental
<b>Araceae</b>	<i>Xanthosoma sagittifolium</i> (L.) Schott	Taiá	O	He	N	Planta inteira	Ornamental
<b>Arecaceae</b>	<i>Cocos nucifera</i> L.	Coco-da-Bahia	A	Ar	E	Frutos	Purifica o sangue
<b>Arecaceae</b>	<i>Acrocomia aculeata</i> (Jacq.) Lodd. ex Mart.	Bocaiuva	A	Ar	N	Frutos	Anemia
<b>Arecaceae</b>	<i>Syagrus oleracea</i> (Mart.) Becc.	Gueiroba/gueriroba	A	Ar	N	Tronco	Vitamina
<b>Arecaceae</b>	<i>Orbignya phalerata</i> Mart.	Babaçu	A	Ar	N	Frutos	Anemia/ Vermes
<b>Aristolochiaceae</b>	<i>Aristolochia cymbifera</i> Mart.	Calunga/Mil-homens	A	He	N	Folhas	Gripe/ expectorante
<b>Aristolochiaceae</b>	<i>Aristolochia galeata</i> Mart.	Cipó mil-homens/papo-de-peru, jarrinha	M	He	N	Folhas	Gástrico/ intestinal
<b>Asphodelaceae</b>	<i>Aloe vera</i> (L.) Burm.f.	Babosa	M	He	E	Folhas	Queimadura da pele/ unhas/ cabelo
<b>Asteraceae</b>	<i>Vernonia polyanthes</i> (Spreng.) Less.	Assa-peixe, Cambará-branco	M	He	N	Folhas	Expectorante gripe
<b>Asteraceae</b>	<i>Baccharis trimera</i> (Less.) DC.	Carqueja	M	He	N	Folha/ galhos	Pressão arterial
<b>Asteraceae</b>	<i>Matricaria chamomilla</i> L.	Camomila	M	He	E	Folha/ flores	Digestão/ aromatizante
<b>Asteraceae</b>	<i>Stevia rebaudiana</i> (Bertoni) Bertoni	Estévia	M	He	N	Galhos	Adoçante
<b>Asteraceae</b>	<i>Gymnanthemum amygdalinum</i> (Delile) Sch.Bip. ex Walp.	Argelim do mato/ estomalina	M	Ar	N	Casca/ tronco	Úlceras

<b>Bignoniaceae</b>	<i>Arrabidea sp.</i>	Crajiru/pariri	M	Arb	N	Folhas	Picadas de cobra/ferida
<b>Bignoniaceae</b>	<i>Tabebuia heptaphylla</i> (Vell.) Toledo	Ipê-roxo	M	Ar	N	Casca/folha/flor	Úlcera gástrica
<b>Bixaceae</b>	<i>Bixa orellana</i> L.	Urucum	A/ M	Ar	N	Fruto/semente	Doenças respiratórias
<b>Bixaceae</b>	<i>Cochlospermum regium</i> (Mart. ex Schrank) Pilg.	Algodãozinho/algodão-bravo	M	Arb	N	Batata/flor/folha	Mioma de útero
<b>Bromeliaceae</b>	<i>Ananas comosus</i> (L.) Merr.	Abacaxi	A/ M	He	N	Frutos	Vitamina
<b>Capparaceae</b>	<i>Capparis speciosa</i> Griseb.	Mangava-brava	M	Ar	N	Casca	Gástrico/intestinal
<b>Caricaceae</b>	<i>Carica papaya</i> L.	Mamão	A	Ar	E	Frutos	Digestão
<b>Caryocaraceae</b>	<i>Caryocar brasiliense</i> Cambess.	Pequi/Amêndoadoa-de-espinho	A	Ar	N	Frutos	Vitamina
<b>Celastraceae</b>	<i>Maytenus ilicifolia</i> Mart. ex Reissek	Espinheira-Santa	M	Ar	N	Folhas	Úlceras
<b>Costaceae</b>	<i>Costus spicatus</i> (Jacq.) Sw.	Caninha-dobrejo	M/ O	SArb	E	Folha/galhos	Pedra nos rins
<b>Cordiaceae</b>	<i>Cordia glabra</i> L.	Louro	A/ M	Ar	N	Folhas	Imunidade/proteção
<b>Cucurbitaceae</b>	<i>Citrullus lanatus</i> (Thunb.) Matsum. & Nakai.	Melancia	A/ M	He		Frutos	Problemas urinários
<b>Cucurbitaceae</b>	<i>Luffa operculata</i> (L.) Cogn.	Buxinha paulistana	M	He	N	Fruto seco	Sinusite/rinite
<b>Cucurbitaceae</b>	<i>Cucurbita moschata</i> Dushesne	Abóbora	A/ M	He	N	Semente	Vermífugo
<b>Cucurbitaceae</b>	<i>Momordica charantia</i> L.	Melão-de-São-Caetano	A/ M	He	E	Fruto / folhas	Covid
<b>Cucurbitaceae</b>	<i>Cayaponia tayuya</i> (Vell.) Cogn.	Raiz-de-debugre	M/ A	He	E	Folha/fruto	Cardíaco
<b>Cyperaceae</b>	<i>Cyperus rotundus</i> L.	Tiririca	M	He	E	Batata	Pneumonia
<b>Davalliaceae</b>	<i>Davallia alata</i> Blume	Renda portuguesa	M	He	N	Planta inteira	Sorte/dinheiro
<b>Dilleniaceae</b>	<i>Curatella americana</i> L.	Lixeira/Cambará	M	Ar	N	Casca	Digestão
<b>Dilleniaceae</b>	<i>Dillenia indica</i> L.	Maçã-de-elefante	M/A/Md	Ar	E	Fruto/casca	Reumatismo/artrite
<b>Dioscoreaceae</b>	<i>Dioscorea alata</i> L.	Cará	A/ M	He			Diarreia/vômitos
<b>Equisetaceae</b>	<i>Equisetum arvense</i> L.	Cavalinha/rabo-de-cavalo	M	SArb	E	Talo seco	Infecção urinária
<b>Euphorbiaceae</b>	<i>Ricinus communis</i> L.	Mamona/mamoneira	M	Arb	E	Semente	No xampu
<b>Euphorbiaceae</b>	<i>Sapium obovatum</i> Klotzsch ex Müll. Arg.	Sarã/saranzeiro	A	Ar	N	Frutos	Nutrição animal
<b>Euphorbiaceae</b>	<i>Cnidoscolus pubescens</i> Pohl	Cansanção	M	Ar	N	Folha, flor.	Tumores

<b>Euphorbiaceae</b>	<i>Croton salutaris</i> Casar.	Sangra d' água	M	Ar	N	Seiva	Ferimentos
<b>Euphorbiaceae</b>	<i>Croton urucurana</i> Baill.	Sangra d' água	M	Ar	N	Seiva	Ferimentos
<b>Fabaceae</b>	<i>Tamarindus indica</i> L.	Tamarindo	A/ M	Ar	E	Fruto	Colesterol
<b>Fabaceae</b>	<i>Hymenaea stigonocarpa</i> Mart. ex Hayne	Jatobá	A/ M	Ar	N	Casca/ fruto	Cicatrizante estomacal
<b>Fabaceae</b>	<i>Copaiba langsdorffii</i> (Desf.) Kuntze	Copaíba, pau-d'óleo	M	Ar	N	Seiva/ casca	Inflamação em geral/ pele e feridas
<b>Fabaceae</b>	<i>Senna hirsuta</i> (L.) H. S. Irwin & Barneby	Fedegoso	M	Ar	N	Folhas	Problemas intestinais
<b>Fabaceae</b>	<i>Dipteryx alata</i> Vogel	Cumbaru	A/ M	Ar	E	Frutos	hipertensão
<b>Fabaceae</b>	<i>Inga speciosa</i> M. Martens & Galeotti	Ingá	A/ M	Ar	N	Frutos	Imunidade
<b>Fabaceae</b>	<i>Amburana cearensis</i> (Allemão) A.C. Sm.	Amburana	O/ Md	Ar	N	Tronco	Combustão da madeira
<b>Fabaceae</b>	<i>Anadenanthera macrocarpa</i> (Benth.) Brenan	Angico	M/ Md	Ar	E	Casca	Tosse
<b>Fabaceae</b>	<i>Stryphnodendron adstringens</i> (Mart.). Coville	Barbatimão	M	Ar	N	Casca	Cicatrização
<b>Fabaceae</b>	<i>Machaerium acutifolium</i> Vogel	Carvão- branco	M	Ar	E	Casca/ folhas secas	Febre/gripe
<b>Fabaceae</b>	<i>Plathymenia foliolosa</i> Benth.	Vinhático/ Tuiu	M	Ar	N	Casca/ folhas/ semente	Picadas de cobra/ferida
<b>Fabaceae</b>	<i>Phaseolus lunatus</i> L.	Fava/favinha	M	Ar	E	Frutos	Hemorróida/ varizes
<b>Fabaceae</b>	<i>Cajanus cajan</i> (L.) Huth	Feijão- andu/guandu , feijão-de- árvores	A/ M	Arb	E	Folha/ flor/ raiz/ semente	Feridas
<b>Fabaceae</b>	<i>Hymenaea courbaril</i> L.	Jatobá	M	Ar	E	Casca/ fruto	Bronquite
<b>Fabaceae</b>	<i>Bauhinia bongardii</i> Steud.	Pata-de-vaca do Cerrado	M	Ar	E	Folha/ flor/ raiz	Diabetes
<b>Fabaceae</b>	<i>Bowdichia major</i> (Mart.) Mart. Ex Benth.	Sucupira	M	Ar	N	Semente	Inflamações
<b>Geraniaceae</b>	<i>Pelargonium citronellum</i> J.J.A. Van der Walt	Citronela	M	Arb	E	Folhas	Repelente
<b>Humiriceae</b>	<i>Endopleura uchi</i> (Huber) Cuatrec.	Uxi amarelo	M	Ar	E	Casca	Endometriose/ mioma
<b>Illiciaceae</b>	<i>Illicium verum</i> Hooker. F.	Anis estrelado/ Anis-Sibéria	M	Arb	E	Frutos	Problema respiratório
<b>Lamiaceae</b>	<i>Salvia officinalis</i> L.	Salvia	O/	Arb	E	Folhas	Diabetes
<b>Lamiaceae</b>	<i>Mentha villosa</i> Becker	Hortelã	M	Arb	E	Folhas	Calmante
<b>Lamiaceae</b>	<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	Alecrim	A/M	Arb	E	Galhos	Articulações/ proteção
<b>Lamiaceae</b>	<i>Melissa officinalis</i> L.	Erva-cidreira	A/M	Arb	E	Galhos	Calmante

<b>Lamiaceae</b>	<i>Mentha pulegium</i> L.	Hortelãzinha	A/M	Arb	E	Folhas	Calmante
<b>Lamiaceae</b>	<i>Ocimum sp.</i>	Manjericão-folha-grande	A/M	Arb	E	Folhas	Vitaminas
<b>Lamiaceae</b>	<i>Plectranthus barbatus</i> Andrews	Boldo	M	He	E	Folhas	Estômago
<b>Lamiaceae</b>	<i>Ocimum canum</i> Sims.	Manjericão-folha-miúda	A/ M	Arb	E	Folhas	Vitaminas
<b>Lamiaceae</b>	<i>Ocimum basilicum</i> L.	Alfavaca-de-cheiro	A/ M	He	E	Folhas	Dor de cabeça
<b>Lamiaceae</b>	<i>Lavandula sp.</i>	Alfazema	O/ M	Arb	E	Flores	Relaxante
<b>Lamiaceae</b>	<i>Melissa officinalis</i> L.	Cidreira/ Melissa	A/M	Arb	E	Folhas	Calmante
<b>Lamiaceae</b>	<i>Ocimum basilicum</i> L.	Manjericão/ alfavaca	A/M	Arb	E	Folhas	Vitaminas
<b>Lamiaceae</b>	<i>Origanum vulgare</i> L.	Orégano	A/M	Arb	E	Folhas/ galhos	Problemas respiratórios/ proteção
<b>Lamiaceae</b>	<i>Mentha pulegium</i> L.	Poejo	M	SArb	E	Folha/ flor/ raiz/ talo	Problemas respiratórios
<b>Lauraceae</b>	<i>Persea americana</i> Mill.	Abacate	A	Ar	E	Frutos	Vitamina
<b>Lauraceae</b>	<i>Cinnamomum zeylanicum</i> Blume	Canela	A/M /O	Ar	N	Casca	mística/ religiosa/ gordura/ fígado
<b>Lythraceae</b>	<i>Cuphea balsamona</i> Chan & Schltdl.	Sete-sangria	M	Arb	N	Folha/ flor	Hipertensão
<b>Lythraceae</b>	<i>Punica granatum</i> L.	Romã	A	Ar	E	Frutos	Inflamação/ garganta/ proteção
<b>Malpighiaceae</b>	<i>Malpighia glabra</i> L.	Acerola	A	Ar	E	Frutos	Vitamina C
<b>Malvaceae</b>	<i>Guazuma ulmifolia</i> Lam.	Chico-magro	A/ M	Arb	N	Casca	Cólicas
<b>Malvaceae</b>	<i>Sterculia apetala</i> (Jacq.) H. Karst.	Amendiom-bugre	A/ Md	Ar	N	Semente	Vermes
<b>Malvaceae</b>	<i>Lueheopsis rosea</i> (Ducke) Burret	Açoita-cavalo	O/ M	Ar	N	Tronco	Vermes
<b>Monimiaceae</b>	<i>Peumus boldus</i> Molina	Boldo	M	Arb	E	Folhas	Digestão
<b>Moraceae</b>	<i>Artocarpus integrifolia</i> L. f.	Jaca	A	Ar	E	Frutos	Vitaminas
<b>Moraceae</b>	<i>Dorstenia brasiliensis</i> Lam.	Capiá, carapiá, conta-de-cobra	M	Arb	N	Folhas	Picadas de cobra/ferida
<b>Moraceae</b>	<i>Ficus carica</i> L.	Figueira	A	Arb	E	Frutos	Digestão/ purificador do sangue
<b>Musaceae</b>	<i>Musa x paradisiaca</i> L.	Banana	A/ M	Ar	E	Fruto/ folha/ umbigo	Depressão/ benzimento e arca caída
<b>Myrtaceae</b>	<i>Psidium guajava</i> L.	Goiaba-branca	A/ M	Ar	N	Folha/ fruto	Diarreia/ vômitos/ cabelo
<b>Myrtaceae</b>	<i>Myrciariopsis</i> Kausel	Jabuticaba	A	Ar	N	Frutos	Vitamina

<b>Myrtaceae</b>	<i>Psidium guajava</i> L.	Goiaba-vermelha	A/ M	Ar	N	Fruto/ folhas	Diarreia/ vômitos
<b>Myrtaceae</b>	<i>Psidium araca</i> Raddi	Araçá	A/ M	Arb	E	Frutos	Prisão de ventre
<b>Myrtaceae</b>	<i>Eugenia stipitata</i> McVaugh	Araçá-boi- grande	A	Arb	N	Frutos	Anemia
<b>Myrtaceae</b>	<i>Psidium aromaticum</i> Aubl.	Araçazinho	A/O	Arb	N	Frutos	Anemia
<b>Myrtaceae</b>	<i>Eugenia uniflora</i> L.	Pitanga	A	Ar	E	Frutos	Vitamina
<b>Myrtaceae</b>	<i>Eucalyptus grandis</i> W. Hill ex Maiden	Eucalipto	M	Ar	E	Folhas	Gripe
<b>Myrtaceae</b>	<i>Syzygium jambolanum</i> (Lam.) DC.	Jambolão/ Azeitona-da- terra	A/ M	Ar	E	Frutos/ casca	Diabetes
<b>Myrtaceae</b>	<i>Syzygium aromaticum</i> (L.) Merr. & L.M. Perry	Cravo	A/ M	Ar	E	Semente	Gengivite/ proteção
<b>Myrtaceae</b>	<i>Eugenia uniflora</i> L.	Pitanga	A/ M	Ar	N	Frutos	Vitamina
<b>Myrtaceae</b>	<i>Syzygium cumini</i> (L.) Skeels	Jamelão	M	Ar	N	Frutos/ folhas	Diabetes
<b>Myrtaceae</b>	<i>Myrcia multiflora</i> (Lam.) DC.	Pedra-humo- caá	M	Arb	N	Folhas	Diabetes
<b>Nyctaginaceae</b>	<i>Boerhavia diffusa</i> L.	Erva-tostão/ pega pinto	A/ M	He	N	Folhas	Problemas renais
<b>Orchidaceae</b>	<i>Vanilla sp.</i>	Vanila	A/O /M	Trep	N	Fruto/ folhas	Saborizador de bebidas/ topofilia
<b>Orchidaceae</b>	<i>Vanilla planifolia</i> Andrews	Orquídea	O/ M	Trep	N	Planta inteira	Topofilia
<b>Orchidaceae</b>	<i>Oncidium cebolleta</i> (Jacq.) Sw.	Orquídea cebola	O/ M	Trep	N	Planta inteira	Topofilia
<b>Orchidaceae</b>	<i>Cattleya bowringiana</i> O'Brien	Orquídea roxa	O/ M	Trep	N	Planta inteira	Topofilia
<b>Oxalidaceae</b>	<i>Averrhoa carambola</i> L.	Carambola	A	Ar	E	Frutos	Vitamina
<b>Passifloraceae</b>	<i>Passiflora alata</i> Curtis	Maracujá	A	Arb	E	Frutos	Calmante
<b>Phyllanthaceae</b>	<i>Phyllanthus niruri</i> L.	Quebra- pedra	M	SArb	E	Folha	Pedra nos rins
<b>Plantaginaceae</b>	<i>Plantago major</i> L.	Tanchagem	M	Arb	E	folhas	Gripe
<b>Poaceae</b>	<i>Saccharum officinarum</i> L.	Cana-de- açúcar	A	He	E	caule	
<b>Poaceae</b>	<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf	Capim- cidreira	A/ M	He	E	folhas	Calmante
<b>Poaceae</b>	<i>Zea mays</i> L.	Broto de milho	A/ M	He	E	Frutos	Problemas urinários
<b>Poaceae</b>	<i>Merostachys</i> sp.	Broto-de- taquara	A/ M	He	E	Broto	Colesterol
<b>Poaceae</b>	<i>Andropogon</i> sp.	rabo caximba/ capim-peba	M	He	E	Folhas	Dor-dói
<b>Polygonaceae</b>	<i>Coccoloba cujabensis</i> Wedd.	Uvinha	M	Arb	E	Frutos	Vitamina
<b>Polygonaceae</b>	<i>Polygonum acre</i> Kunth	Erva-de- bicho	M	He	E	Folhas	Hemorróida/ varizes
<b>Polygonaceae</b>	<i>Rheum rhabonticum</i> L.	Ruibarbo	M	Arb	E	Caule	Prisão de ventre

<b>Polypodiaceae</b>	<i>Phlebodium aureum</i> (L.) J. Sm.	Rabo-de-bugio	O	Arb	E	Planta inteira	Topofilia
<b>Rosaceae</b>	<i>Rubus glaucus</i> Benth.	Amora-preta	A/ M	Arb	E	Frutos	Vitamina
<b>Rosaceae</b>	<i>Malus domestica</i> (Suckow) Borkh.	Maçã	A	Ar	E	Frutos	Imunidade
<b>Rosaceae</b>	<i>Prunus cerasus</i> L.	Cereja-azeda	A	Ar	E	Casca/ frutos	Gota/ articulações
<b>Rosaceae</b>	<i>Fragaria vesca</i> L.	Morango	A	He	E	Frutos	Pele
<b>Rubiaceae</b>	<i>Coffea arabica</i> L.	Café	A	Arb	E	Frutos	Estimulante/ proteção
<b>Rubiaceae</b>	<i>Genipa americana</i> L.	Jenipapo	A	Ar	E	Frutos	Diabetes
<b>Rubiaceae</b>	<i>Alibertia edulis</i> (Rich.) A. Rich. ex DC.	Marmelada-bola	A/ M	Ar	N	Frutos	Anemia
<b>Rubiaceae</b>	<i>Alibertia verrucosa</i> S. Moore	Marmelada-espinha	M	SArb	N	Folhas secas	Digestão
<b>Rubiaceae</b>	<i>Morinda citrifolia</i> L.	Noni	A/ M	Ar	E	Casca/ folha/ fruto	Dor de estômago/ diabetes
<b>Rubiaceae</b>	<i>Calycophyllum spruceanum</i> (Benth.) Hook. F. ex K. Schum.	Mulateira	M	Ar	N	Casca/ folhas	Hipertensão
<b>Rubiaceae</b>	<i>Coutarea hexandra</i> Jac. K. Shum.	Quina	M	Ar	E	Casca	Tratar bflis
<b>Rutaceae</b>	<i>Citrus limon</i> (L.) Burm. f.	Limão	A/ M	Ar	E	Frutos	Vitamina C/ imunidade
<b>Rutaceae</b>	<i>Citrus sinensis</i> (L.) Osbeck	Laranja	A/ M	Ar	E	Frutos	Vitamina C/ imunidade
<b>Rutaceae</b>	<i>Citrus aurantium</i> L.	Laranja-azeda	A/ M	Ar	E	Frutos	Vitamina C/ imunidade
<b>Rutaceae</b>	<i>Citrus reticulata</i> Blanco	Mixirica	A/ M	Ar	E	Frutos	Vitamina C/ imunidade
<b>Rutaceae</b>	<i>Citrus sinensis</i> (L.) Osbeck	Laranja-misteriosa	A/ M	Ar	E	Frutos	Vitamina C/ imunidade
<b>Rutaceae</b>	<i>Citrus limittiooides</i> Tanaka.	Lima-de-umbigo	A/ M	Ar	E	Frutos	Vitamina C/ imunidade
<b>Rutaceae</b>	<i>Ruta graveolens</i> L.	Arruda	A/ M	He	E	Folhas/ casca	Conjuntivite/ proteção
<b>Rutaceae</b>	<i>Citrus limon</i> (L.) Burm. f.	Limão Siciliano	A/ M	Ar	E	Frutos	Imunidade
<b>Sapindaceae</b>	<i>Talisia esculenta</i> (A. St.-Hil.) Radlk.	Pitomba	A/ M	Ar	E	Frutos	Vitamina
<b>Sapindaceae</b>	<i>Paullinia cupana</i> Kunth.	Guaraná	A/ M	Arb	N	Frutos	Estimulante
<b>Solanaceae</b>	<i>Capsicum baccatum</i> L.	Pimenta-chumbinho	A/M /O	He	N	Frutos	Circulação / coração / proteção
<b>Solanaceae</b>	<i>Capsicum odoratum</i> Steud.	Pimenta-de-cheiro	A	He	E	Frutos	Circulação/ coração / proteção
<b>Solanaceae</b>	<i>Capsicum frutescens</i> L.	Pimenta-malagueta	A	He	E	Frutos	Circulação/ coração/ proteção
<b>Solanaceae</b>	<i>Solanum melongena</i> L.	Beringela	A/ M	He	E	Frutos	Colesterol
<b>Solanaceae</b>	<i>Capsicum spp</i>	Pimenta	A/ M	He	E	Frutos	Inflamação garganta

<b>Solanaceae</b>	<i>Solanum lycocarpum</i> A.St.-Hil.	Fruta-de-lobo/lobeira,	A/ M	Arb	N	Raiz	Diabetes
<b>Solanaceae</b>	<i>Solanum paniculatum</i> L.	Jurubeba	M	He	N	Folha	Problemas gástricos
<b>Tropaeolaceae</b>	<i>Tropaeolum majus</i> L.	Chaga/capuchinha	A/ M	He	E	Folhas	Expectorante
<b>Velloziaceae</b>	<i>Vellozia squamata</i> Pohl	Canela-de-eema	O/ M	He	E	Folhas/flores	Reumatismo/Coluna
<b>Virbunaceae</b>	<i>Sambucus nigra</i> L.	Sabugueiro	M	Arb	N	Flores	Gripe/Resfriado
<b>Vitaceae</b>	<i>Cissus sicyoides</i> L.	Cará/insulina/mãe-boa/cipó-puçá	A/ M	Trep	E	Frutos	Diabetes
<b>Vochysiaceae</b>	<i>Callisthene fasciculata</i> Mart.	Carvão-branco	M/ Md	Trep	N	Folha/casca	Colesterol
<b>Vochysiaceae</b>	<i>Vochysia divergens</i> Pohl	Cambará	M/ Md	Trep	N	Folha/casca	Depurativo do sangue
<b>Zingiberaceae</b>	<i>Curcuma longa</i> L.	Açafrão	A/ M	Arb	E	Raiz	Proteção/imunidade
<b>Zingiberaceae</b>	<i>Zingiber officinale</i> Roscoe	Gengibre	A/ M	Arb	E	Raiz	Imunidade/gripe
<b>TOTAL</b>	<b>176</b>						<b>735</b>

**Legenda:** Para os usos: **A** = alimentar; **M** = medicinal; **O** = ornamental; **Md** = madeira (construções em geral).

**Quanto ao hábito:** **Ar** = arbórea; **Arb** = arbusto; **SArb** = subarbusto; **He** = herbácea; **Trep** = trepadeira. **Quanto a origem:** **N** = nativa; **E** = exótica.

**Fonte:** Acervo das autoras. 2024.

Para os dados botânicos a representação arbórea alcançou 40% entre as plantas usadas pela população em estudo, seguido por herbácea com 30%, arbusto (25%), trepadeira (4%) e subarbusto (2,8%). Quanto à origem das plantas 60% são exóticas e com expressividade para as famílias Fabaceae, Lamiaceae, Poaceae, Rosaceae e Rutaceae.

Para os dados etnobotânicos relacionados ao uso das plantas, estatisticamente podemos aferir o quanto a população usa e para quais indicações, e assim obtemos o percentual do consenso de uso cultural de cada espécie. Os resultados são visualizados por numeral relativo, expresso pelo PCUsp (%), o qual determina a importância da diversidade vegetal presente no local para atender o uso sustentável dessas populações tradicionais localizadas nas terras altas e baixas do estado do Mato Grosso, no Centro-oeste do Brasil (Tabela 2).

**TABELA 2** – Consenso quanto aos usos das plantas nas comunidades mato-grossenses, MT. 2024. Fsp = frequência absoluta dos informantes que citaram a espécie; Fid = Frequência absoluta dos informantes que citaram os usos principais; NF = nível de fidelidade; Fc = Fator de correção; Pcusp (%) = Frequência relativa de concordância quanto aos usos principais.

Nome científico	Nome popular	Uso	Fsp	Fid	NF	Fc	PCUsp (%)
<i>Echinodorus grandiflorus</i> (Cham. & Schldl.) Micheli	Chapéu-de-couro	M	75	31	41,3	0,89	36,8
<i>Gonphrena officinalis</i> Mart.	Paratudo/flor-do-diabo	M	69	55	80,0	0,82	65,6
<i>Alternanthera brasiliiana</i> (L.) Kuntze	Terramicina	M	72	63	87,5	0,86	75,3
<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Erva-de-Santa-Maria/mastruz	M	71	59	83,1	0,84	70,0

<i>Allium fistulosum</i> L.	Cebolinha	A	84	84	100	1,0	100,0
<i>Spondias mombin</i> L.	Cajá-manga	A	77	49	64,0	0,91	58,3
<i>Mangifera indica</i> L.	Manga	A/M	84	84	100	1,0	100,0
<i>Spondias lutea</i> L.	Seriguela	A/M	84	84	100	1,0	100,0
<i>Anacardium occidentale</i> L.	Caju	A/M	84	80	95,0	1,0	95,0
<i>Mangifera indica</i> L.	Manga-Rosa	A/M	82	55	67,0	0,97	65,0
<i>Schinus terebinthifolia</i> Raddi	Aroeira	M	59	42	72,0	0,70	50,4
<i>Annona squamosa</i> L.	Ata-de-casa/ata	A	61	55	90,1	0,73	65,8
<i>Annona crassiflora</i> Mart.	Ata-do-mato	A/M	52	35	67,3	0,61	41,1
<i>Coriandrum sativum</i> L.	Coentro	A/M	84	80	95,2	1,0	95,0
<i>Petroselinum crispum</i> (Mill.) Fuss	Salsinha	A/M	84	79	94,0	1,0	94,0
<i>Eryngium foetidum</i> L.	Coentro-castela	A/M	77	41	48,9	0,91	44,5
<i>Foeniculum vulgare</i> Mill.	Erva-doce	M	75	56	74,7	0,89	66,5
<i>Angelica</i> DC.	Anjelica/ erva-espírito-santo	M	62	38	61,3	0,74	45,4
<i>Macrosiphonia velame</i> (A. St.-Hil.) Müll. Arg.	Velame-branco	M	55	31	56,3	0,65	36,6
<i>Adenium obesum</i> (Forssk.) Roem. & Schult.	Rosa-do-deserto	M	29	19	65,5	0,35	23,0
<i>Cocos nucifera</i> L.	Coco-da-Bahia	A/M	80	51	63,7	0,95	60,5
<i>Acrocomia aculeata</i> (Jacq.) Lodd. ex Mart.	Bocaiuva	A/M	71	49	69,0	0,84	58,0
<i>Syagrus oleracea</i> (Mart.) Becc.	Gueiroba/ gueriroba	A/M	55	35	63,7	0,65	41,4
<i>Orbignya phalerata</i> Mart.	Babaçu	A/M	79	68	86,1	0,94	81,0
<i>Aristolochia cymbifera</i> Mart.	Calunga/Mil-homens	M	64	39	61,0	0,76	46,4
<i>Aristolochia galeata</i> Mart.	Cipó mil-homens/papo-de-peru, jarrinha	M	59	33	47,9	0,70	33,5
<i>Aloe vera</i> (L.) Burm.f.	Babosa	M	84	55	65,5	1,0	65,5
<i>Vernonia polyanthes</i> (Spreng.) Less.	Assa-peixe, Cambará-branco	M	81	74	91,3	0,96	87,7
<i>Baccharis trimera</i> (Less.) DC.	Carqueja	M	79	61	77,2	0,94	72,6
<i>Matricaria chamomilla</i> L.	Camomila	M	81	79	97,5	0,96	93,6
<i>Stevia rebaudiana</i> (Bertoni) Bertoni	Estévia	A/M	49	25	51,0	0,58	29,6
<i>Gymnanthemum amygdalinum</i> (Delile) Sch.Bip. ex Walp.	Argelim mato/estomalina	M	63	51	81,0	0,75	60,8
<i>Arrabidea</i> sp.	Crajiru/ Pariri	M	44	29	66,0	0,52	34,3
<i>Tabebuia heptaphylla</i> (Vell.) Toledo	Ipê-roxo	M	75	69	92,0	0,89	81,9
<i>Bixa orellana</i> L.	Urucum	A/M	82	73	89,0	0,98	87,2
<i>Cochlospermum regium</i> (Mart. ex Schrank) Pilg.	Algodãozinho/algodão-bravo	M	69	55	80,0	0,82	65,6
<i>Ananas comosus</i> (L.) Merr.	Abacaxi	A/M	52	42	80,7	0,62	50,5
<i>Cordia glabra</i> L.	Louro	A/M	79	65	82,3	0,94	77,4

<i>Capparis speciosa</i> Griseb.	Mangava-brava	<b>M</b>	63	52	82,5	0,75	61,9
<i>Carica papaya</i> L.	Mamão	<b>A/M</b>	84	78	93,0	1,00	93,0
<i>Caryocar brasiliense</i> <i>Cambess.</i>	Pequi/amêndoas-espínho	<b>A/M</b>	83	77	92,8	0,99	92,0
<i>Maytenus ilicifolia</i> Mart. ex Reissek	Espinheira-Santa	<b>M</b>	58	43	74,0	0,69	52,0
<i>Citrullus lanatus</i> (Thunb.) Matsum. & Nakai.	Melancia	<b>A/M</b>	84	70	83,3	1,00	83,3
<i>Luffa operculata</i> (L.) Cogn.	Buxinha paulistana	<b>M</b>	45	27	60,0	0,53	32,0
<i>Cucurbita moschata</i> Dushesne	Abóbora	<b>A/M</b>	84	69	82,0	1,00	82,0
<i>Momordica charantia</i> L.	Melão-de-São-Caetano/	<b>M</b>	73	48	66,0	0,87	57,5
<i>Cayaponia tayuya</i> (Vell.) Cogn.	Raiz-de-bugre	<b>M</b>	41	33	80,5	0,49	39,5
<i>Davallia alata</i> Blume	Renda portuguesa	<b>M</b>	42	25	59,5	0,50	29,8
<i>Curatella americana</i> L.	Lixeira/Cambará	<b>M</b>	67	54	80,6	0,80	64,5
<i>Dioscorea alata</i> L.	Cará	<b>M</b>	45	31	68,9	0,54	37,21
<i>Costus spicatus</i> (Jacq.) Sw.	Caninha-do-brejo	<b>M</b>	28	19	68,0	0,33	22,5
<i>Equisetum arvense</i> L.	Cavalinha/rabo-de-cavalo	<b>M</b>	28	19	68,0	0,33	22,5
<i>Ricinus communis</i> L.	Mamona/mamoneira	<b>A/M</b>	66	54	82,0	0,78	64,0
<i>Cnidoscolus pubescens</i> Pohl	Cansanção	<b>M</b>	62	48	77,4	0,74	57,3
<i>Croton salutaris</i> Casar.	Sangra d' água	<b>M</b>	66	51	77,3	0,78	60,3
<i>Croton urucurana</i> Baill.	Sangra d' água	<b>M</b>	62	49	79,3	0,74	58,7
<i>Tamarindus indica</i> L.	Tamarindo	<b>A/M</b>	78	55	70,5	0,93	65,6
<i>Hymenaea stigonocarpa</i> Mart. ex Hayne	Jatobá	<b>M</b>	81	76	94,0	0,96	90,2
<i>Copaiba langsdorffii</i> (Desf.) Kuntze	Copaíba, pau-d'óleo	<b>M</b>	80	71	89,0	0,95	84,5
<i>Senna hirsuta</i> (L.) H. S. Irwin & Barneby	Fedegoso	<b>M</b>	79	62	78,5	0,94	73,8
<i>Dipteryx alata</i> Vogel	Cumbaru	<b>A/M</b>	83	70	84,3	0,99	83,5
<i>Inga speciosa</i> M. Martens & Galeotti	Ingá	<b>A/M</b>	81	55	68,0	0,96	65,2
<i>Amburana cearensis</i> (Allemão) A.C. Sm.	Amburana	<b>M</b>	77	49	64,0	0,92	58,9
<i>Anadenanthera macrocarpa</i> (Benth.) Brenan	Angico	<b>M</b>	78	66	85,0	0,93	76,3
<i>Stryphnodendron adstringens</i> (Mart.) Coville	Barbatimão	<b>M</b>	82	72	88,0	0,98	86,2
<i>Plathymenia foliolosa</i> Benth.	Vinhático Tuiu	<b>M</b>	49	28	57,1	0,58	33,2
<i>Hymenaea courbaril</i> L.	Jatobá	<b>M</b>	74	65	88,0	0,88	77,5
<i>Bauhinia bongardii</i> Steud.	Pata-de-vaca do Cerrado	<b>M</b>	81	72	89,0	0,96	85,4
<i>Bowdichia major</i> (Mart.) Mart. Ex Benth.	Sucupira	<b>M</b>	83	70	84,3	0,99	83,5
<i>Pelargonium citronellum</i> J.J.A. Van der Walt	Citronela	<b>M</b>	77	59	76,6	0,92	70,5

<i>Salvia officinalis</i> L.	Salvia	A/M	48	37	77,1	0,57	44,0
<i>Mentha villosa</i> Becker	Hortelã	A/M	79	65	82,3	0,94	77,5
<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	Alecrim	M	84	80	95,2	1,00	95,2
<i>Melissa officinalis</i> L.	Erva-cidreira	M	84	72	86,0	1,00	86,0
<i>Mentha pulegium</i> L.	Hortelãzinha	M	82	69	84,1	0,98	82,5
<i>Ocimum</i> sp.	Manjericão-da-folha-grande	A/M	71	55	77,5	0,84	65,1
<i>Plectranthus barbatus</i> Andrews	Boldo	M	84	80	95,2	1,00	95,2
<i>Ocimum canum</i> Sims.	Manjericão--folha-miúda	M	65	49	75,3	0,77	58,0
<i>Ocimum basilicum</i> L.	Alfavaca-de-cheiro	M	77	54	70,1	0,92	64,5
<i>Lavandula</i> sp.	Alfazema	M	60	45	75,0	0,71	53,3
<i>Melissa officinalis</i> L.	Cidreira/ Melissa	M	78	63	81,0	0,93	75,3
<i>Ocimum basilicum</i> L.	Manjericão/ Alfavaca	M	69	57	83,0	0,82	68,1
<i>Origanum vulgare</i> L.	Orégano	A/M	81	66	81,5	0,96	78,2
<i>Mentha pulegium</i> L.	Poejo	M	83	71	85,5	0,88	75,2
<i>Persea americana</i> Mill.	Abacate	A/M	70	55	78,5	0,83	65,2
<i>Cinnamomum zeylanicum</i> Blume	Canela	A/M	78	67	86,0	0,93	80,0
<i>Cuphea balsamona</i> Chan & Schltdl.	Sete-sangria	M	55	48	87,2	0,84	73,2
<i>Punica granatum</i> L.	Romã	A/M	49	38	77,5	0,58	45,0
<i>Malpighia glabra</i> L.	Acerola	A/M	78	63	81,0	0,93	75,3
<i>Guazuma ulmifolia</i> Lam.	Chico-magro	M	69	57	83,0	0,82	68,1
<i>Artocarpus integrifolia</i> L. f.	Jaca	A/M	60	45	75,0	0,71	53,3
<i>Dorstenia brasiliensis</i> Lam.	Capiá, carapiá, conta-de-cobra	M	44	29	66,0	0,52	34,3
<i>Ficus carica</i> L.	Figueira	M	31	23	74,2	0,37	27,5
<i>Musa x paradisiaca</i> L.	Banana	A/M	79	62	78,5	0,94	74,0
<i>Psidium guajava</i> L.	Goiaba-branca	A/M	49	28	57,2	0,58	33,2
<i>Myrciariopsis</i> Kausel	Jabuticaba	A/M	56	37	66,0	0,66	43,6
<i>Psidium guajava</i> L.	Goiaba-vermelha	A/M	78	59	75,6	0,93	70,3
<i>Eucalyptus grandis</i> W. Hill ex Maiden	Eucalipto	M	61	49	80,3	0,73	58,6
<i>Syzygium jambolanum</i> (Lam.) DC.	Jambolão/ Azeitona-terra	M	48	25	52,1	0,57	29,7
<i>Syzygium aromaticum</i> (L.) Merr. & L.M. Perry	Cravo	A/M	77	51	66,2	0,92	61,0
<i>Eugenia uniflora</i> L.	Pitanga	A/M	78	49	63,0	0,93	59,0
<i>Syzygium cumini</i> (L.) Skeels	Jamelão	M	45	25	55,5	0,53	29,5
<i>Boerhavia diffusa</i> L.	Erva-tostão/ pega pinto	M	39	25	64,1	0,46	29,5
<i>Vanilla</i> sp.	Vanila	M	59	43	73,0	0,70	51,5

<i>Vanilla planifolia</i> Andrews	Orquídea	<b>M</b>	49	25	51,0	0,59	31,0
<i>Oncidium cebolleta</i> (Jacq.) Sw.	Orquídea cebola	<b>M</b>	35	18	51,5	0,42	22,0
<i>Cattleya bowringiana</i> O'Brien	Orquídea roxa	<b>M</b>	59	22	0,37	70,3	26,0
<i>Averrhoa carambola</i> L.	Carambola	<b>A/M</b>	48	29	60,4	0,57	34,5
<i>Passiflora alata</i> Curtis	Maracujá	<b>A/M</b>	77	54	70,1	0,92	64,5
<i>Phyllanthus niruri</i> L.	Quebra-pedra	<b>M</b>	80	60	75,0	0,95	71,2
<i>Plantago major</i> L.	Tanchagem	<b>M</b>	59	44	74,5	0,70	52,2
<i>Saccharum officinarum</i> L.	Cana-de-açúcar	<b>A/M</b>	75	59	79,0	0,89	70,3
<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf	Capim-cidreira	<b>M</b>	78	65	83,3	0,93	77,5
<i>Zea mays</i> L.	Broto de milho	<b>M</b>	62	47	76,0	0,74	56,3
<i>Polygonum acre</i> Kunth	Erva-de-bicho	<b>M</b>	65	48	74,0	0,77	57,0
<i>Coffea arabica</i> L.	Café	<b>A/M</b>	79	71	90,0	0,94	84,6
<i>Genipa americana</i> L.	Jenipapo	<b>A/M</b>	71	59	83,1	0,84	70,0
<i>Alibertia edulis</i> (Rich.) A. Rich. ex DC.	Marmelada-bola	<b>M</b>	48	33	69,0	0,58	40,0
<i>Morinda citrifolia</i> L.	Noni	<b>M</b>	58	39	67,2	0,69	46,5
<i>Calycophyllum spruceanum</i> (Benth.) Hook. F. ex K. Schum.	Mulateira	<b>M</b>	63	47	74,6	0,75	56,0
<i>Coutarea hexandra</i> Jac. K. Shum.	Quina	<b>M</b>	66	58	88,0	0,78	68,7
<i>Citrus limon</i> (L.) Burm. f.	Limão	<b>A/M</b>	66	59	89,0	0,78	69,5
<i>Citrus sinensis</i> (L.) Osbeck	Laranja	<b>A/M</b>	71	62	87,3	0,85	74,2
<i>Citrus aurantium</i> L.	Laranja-azeda	<b>A/M</b>	59	44	74,5	0,70	52,2
<i>Citrus reticulata</i> Blanco	Mixirica	<b>A/M</b>	67	48	71,6	0,80	57,2
<i>Citrus limittiodes</i> Tanaka.	Lima umbigo	<b>A/M</b>	51	44	86,2	0,61	53,0
<i>Ruta graveolens</i> L.	Arruda	<b>M</b>	84	69	82,1	1,00	82,1
<i>Citrus limon</i> (L.) Burm. f.	Limão siciliano	<b>A/M</b>	59	44	74,5	0,70	52,2
<i>Talisia esculenta</i> (A. St.-Hil.) Radlk.	Pitomba	<b>M</b>	56	43	77,0	0,67	52,0
<i>Paullinia cupana</i> Kunth.	Guaraná	<b>A/M</b>	63	58	92,1	0,75	69,1
<i>Capsicum baccatum</i> L.	Pimenta - chumbinho	<b>A/M</b>	73	55	75,3	0,87	65,5
<i>Capsicum odoratum</i> Steud.	Pimenta-de-cheiro	<b>A/M</b>	79	59	75,0	0,94	70,5
<i>Capsicum frutescens</i> L.	Pimenta-malagueta	<b>A/M</b>	81	73	90,1	0,96	86,5
<i>Solanum melongena</i> L.	Beringela	<b>A</b>	77	55	71,5	0,92	65,8
<i>Vochysia divergens</i> Pohl	Cambará	<b>M</b>	72	57	79,2	0,86	68,2
<i>Solanum paniculatum</i> L.	Jurubeba	<b>M</b>	62	51	82,3	0,74	61,0
<i>Petiveria alliacea</i> var. <i>tetrandra</i> (Gomes) Hauman	Guiné	<b>M</b>	82	78	95,1	0,98	93,2
<i>Sambucus nigra</i> L.	Sabugueiro	<b>M</b>	57	49	86,0	0,68	58,5
<i>Cissus sicyoides</i> L.	Cará/insulina/mãe-boa/cipó puçá	<b>M</b>	59	47	80,0	0,70	56,0
<i>Callisthene fasciculata</i> Mart.	Carvão-branco	<b>M</b>	55	41	74,5	0,66	49,2

<i>Curcuma longa</i> L.	Açafrão	A/M	78	69	88,5	0,93	82,3
<i>Zingiber officinale</i> Roscoe	Gengibre	A/M	82	78	95,1	0,98	93,2

**Legenda:** Fsp = Frequência absoluta dos informantes que citaram a espécie; Fid = Frequência absoluta dos informantes que citaram os usos principais; NF = Nível de fidelidade; FC = Fator de correção; PCUsp = Frequência relativa de concordância quanto aos usos principais.

## DISCUSSÃO

Estudos etnobotânicos em comunidades tradicionais rurais registram dados semelhantes em que há predominância do gênero feminino, especialmente pelas atividades do lar o que permite uma maior participação nas pesquisas (VOEKS, 2017).

Estudos botânico e etnobotânico apontam semelhanças com estes resultados quando revelam o uso das plantas em regiões de Cerrado mato-grossense, os quais se encaixam principalmente nas categorias de usos medicinal, alimentar e ornamental. Fabaceae é a maior família em número de espécies da flora brasileira, presente em todos os tipos de vegetação. No Cerrado não é diferente, e esta é também a família com maior diversidade, incluindo desde pequenas ervas até árvores muito grandes dos cerradões (SOUZA et al. 2018). Neste estudo, algumas espécies merecem destaque, tanto pela presença dominante na paisagem, quanto pela sua ampla distribuição. Plantas medicinais também são inúmeras entre as leguminosas. A oleorresina produzida pela *Copaiba langsdorffii* conhecida como “óleo-de-copaíba” com ampla aplicação na medicina popular. Estudos de Mamede & Pasa (2019) ressaltam o uso medicinal da copaíba, assim como de *Hymenaea stigonocarpa* uma árvore tortuosa, bastante típica do cerrado, apresentando frutos com casca dura e sementes envoltas em polpa comestível, bastante usado na medicina tradicional mato-grossense.

Asteraceae é uma das maiores famílias de angiospermas e é amplamente distribuída em todo o mundo. Está muito bem representada no Brasil, principalmente em ambientes abertos, como o Cerrado (HATTORI & NAKAJIMA, 2008; SOUZA et al., 2018). Lamiaceae está presente em todos os biomas brasileiros (LEWIS et al., 2005; SOUZA et al., 2018). Ambas as famílias (Asteraceae e Lamiaceae) possuem potencial medicinais e gastronômicos, pois são amplamente utilizados por comunidades tradicionais rurais ou urbanas devido à trajetória cultural de ocupação entre o Velho e o Novo Mundo (PASA et al. 2019). Espécies da família Lamiaceae devido às características aromáticas são regionalmente denominadas de “especiarias”, usadas como temperos na gastronomia mato-grossense: hortelã-pimenta (*Plectranthus amboinicus*), alecrim (*Rosmarinus officinalis*), manjericão (*Ocimum basilicum*), erva-cidreira (*Melissa officinalis*), poejo (*Mentha pulegium*), boldo (*Plectranthus barbatus*), hortelã (*Mentha villosa*), entre outras. *Ocimum canum*, odorífica e medicinal é originária das regiões tropicais e subtropicais do Velho Mundo, cujas flores se apresentam nas cores branca ou lavanda, que se naturalizou-se pela América tropical e vegetando espontaneamente, muito apreciada na gastronomia mato-grossense. O estado do Mato Grosso abriga expressivo conjunto de povos indígenas e populações tradicionais, que incluem ribeirinhos, quilombolas, pantaneiros, entre outros e o resgate dos conhecimentos tradicionais etnobotânicos em comunidades humanas e demais habitantes autóctones de áreas geográficas distintas é uma das três linhas apresentadas pelo autor como base para o conhecimento da biodiversidade GUARIM NETO et al. (2010).

Em média, cada participante citou oito (08) plantas de usos para as categorias medicinal, alimentar e ornamental, mas constatamos que a diversidade vegetal variou nessas comunidades, especialmente em função da proximidade de centros urbanos. É possível atribuir a essa desigualdade a influência do processo de urbanização, que acaba afetando o bioma local e

acarretando modificações na paisagem, e assim comprometendo o estoque vegetal, pois a matriz vegetal nativa pode ser seriamente alterada ou até eliminada e então, criam-se mosaicos de espaços manejados com faixas ou lotes de vegetação espontânea. Portanto, no processo de urbanização e/ou modernização, a substituição gradativa das comunidades tradicionais por comunidades locais deixa claro o evidente processo de aculturação devido à dinâmica cultural e ecológica e a perda da diversidade vegetal é significativa ao longo do tempo e da trajetória de ocupação dos espaços pelo homem.

As plantas herbáceas são predominantes entre espécies medicinais presentes nessas unidades de paisagens mato-grossenses. A parte da planta mais utilizada é a folha (80%), seguido pela casca, flor, fruto e sementes. As formas de preparação incluem primeiramente o chá, seguido de infusão, decocção, maceração e uso tópico (compressa), Figura 3.

**Figura 3.** Cultivo e produção de espécies medicinais. MT. 2023.



**Fonte:** Acervo dos autores. 2023.

As espécies medicinais registradas são indicações da medicina tradicional mato-grossense e foram agrupadas com base na classificação das doenças proposta pela Classificação Internacional de Doenças (CID 10) da Organização Mundial de Saúde (OMS, 2014). A maior expressividade de citações de usos medicinais das plantas é para o sistema digestivo (44 spp.), seguido pelo sistema circulatório (38 spp.); sistema nervoso (25 spp.), sistema respiratório (24 spp.); sistema nutricional e imunidade (21 spp.); pele (20 spp.); sistema ósseo (13 spp.); sistema endócrino (6 spp.); e visão (4 spp.). E as indicações de usos para proteção pessoal ou religiosa-mágica, que tratam das doenças da alma e espiritualidade (8 spp.), sendo *Cinnamomum zeylanicum*, *Cordia glabra*, *Foeniculum vulgare*, *Rosmarinus officinalis*, *Curcuma longa*, *Origanum vulgare*, *Musa x paradisiaca* e *Syzygium aromaticum*, entre outras Lamiaceas (sálvia, hortelã, hortelãzinha e melissa).

Em geral, os tratamentos de saúde mais frequentemente mencionados são: anemia, colesterol alto, tumores, pedras nos rins, úlceras, câncer, inflamações em geral, dor de estômago, hipertensão, purificação do sangue, bronquite, vermes, hemorroída, problemas do coração, laxante, reumatismo, mal-estar, doenças corporais, fígado, tosse, vômito, nervosismo, circulação, sangramento em geral, queimaduras, dor óssea, constipação e feridas, conforme CID (2010). De acordo com a Organização Mundial da Saúde, “uma planta medicinal é uma planta que contém em um ou mais de seus órgãos substâncias que podem ser usadas para fins terapêuticos ou preventivos ou que podem ser usadas na indústria farmacêutica depois de ser quimicamente modificado” (OMS, 2007), conforme Figura 3.

Outras propriedades curativas mencionados para as plantas medicinais incluíam afronta, recondicionamento de força física, fraqueza, depressão, tristeza, olho-gordo, proteção pessoal

e mau-olhado. Segundo a OMS (2007), saúde é o bem-estar físico, mental e espiritual. Desta forma, plantas alocadas na etnocategoría ornamental foram descritas pelos participantes como: ... “*as plantas ornamentais liberam energia boa pra alma e pro o corpo da gente, trazendo benefícios de saúde e bem-estar...*”, sob o olhar etnobotânico é possível considerar as plantas ornamentais também como medicinais, se aproximarmos à definição de saúde, pela Organização Mundial de Saúde (OMS). Estudo de Ferreira et al. (2016) destacam que plantas mencionadas pela população como ornamentais e místicas, além do paisagismo nos quintais, auxiliam na proteção pessoal, pois segundo os depoentes, são plantas que servem para livrar de energias negativas, quebrantos, mau-olhado, inveja e dores físicas, incluindo os animais que sofrem de males espirituais, sendo: *Petiveria alliacea* (guiné), *Ruta graveolens* (arruda), *Polygonum cf. punctatum* (erva-de-bicho), *Capsicum* (pimenta), entre outras espécies igualmente descritas em estudos de MIRANDA & PASA (2020).

Quanto ao consenso de usos das plantas nas comunidades, do total de 176 espécies obteve-se o percentual 61% de consenso cultural (PCUsp) para o intervalo entre 100 e 50 por cento, especialmente para as categorias alimentar e medicinal. Das 107 plantas com maior percentual de consenso entre os informantes (PCUsp) a maioria são medicinais somadas à categoria alimentícia, apresentando uma sobreposição de usos, pois as plantas alimentares são também consideradas genuinamente medicinais, fato expresso pela população quando referem à medicina tradicional local. Segundo relatos “[...] para nós as plantas alimentares são consideradas também medicinais porque tratam da nossa saúde...”. Segundo a OMS (2004), o depoimento tem sentido ao aproximar empírico e científico, segundo o conceito de saúde. Estudos etnobotânicos que apresentam PCUsp com valores acima de 50% são significativos em termos culturais, pois expressam a realidade de populações que usam e manejam os recursos vegetais através do etnoconhecimento, adquirido de seus ancestrais e perpetuado entre as gerações (VOCKS, 2017; PASA, 2020). Para as plantas que tiveram valores abaixo de 50% (n= 69), provavelmente se deve ao acesso restrito, a exemplo *Callisthene fasciculata*, *Syzygium jambolanum*, *Plathymenia foliolosa*, *Macrosiphonia velame*, *Oncidium cebolleta*, sendo a coleta dos produtos ocorrerem na floresta, a qual é exercida, preferencialmente, pelo gênero masculino.

Nessas comunidades as plantas místicas-religiosas são largamente utilizadas pela população por exercerem influências sobre as pessoas ao auxiliar na proteção do corpo, alma e espírito, com potencial de livrar de energias negativas, quebrantos, mau-olhado, inveja e dores físicas. Nesse contexto, o uso de plantas para curar doenças está intimamente ligado aos usos ritualísticos, mágicos, sagrados, para a cura de enfermidades espirituais, proteção e profecias (VOEKS & RAHSFORD, 2013). Devido às origens étnicas (afrodescendentes, afrobrasileiros, negros e indígenas) associado ao processo de ocupação regional dessas comunidades registramos a importância das plantas místicas religiosas usadas ao longo da trajetória de ocupação em terras mato-grossenses para o exercício da medicina tradicional local. As plantas mais usadas são *Ruta graveolens* (arruda), *Rosmarinus officinalis* (alecrim), *Strychnos pseudoquina* (quina), *Melissa officinalis* (melissa), *Zingiber officinale* (gengibre), *Petiveria alliacea* (guiné) e *Coffea arabica* (café). Desta forma, as pessoas buscam nas plantas o alívio para seus males corporais ou espirituais, através dos chás, banhos unguentos ou tinturas caseiras. As folhas, caules e flores de *Rosmarinus officinalis* (alecrim) são usados em rituais de proteção pessoal para tratar o “mau-olhado” e são usados em banhos para e limpeza espiritual. Portanto, a influência da cultura ancestral está presente no cotidiano das pessoas, especialmente as idosas e de origem ascendente ou descendente africanas. Pasa (2021) destaca que estudos em comunidades tradicionais no Novo e no Velho Mundo, as plantas mística-

religiosas ou místicas religiosas frequentemente usadas por pessoas idosas e que conhecem o poder de cura é considerado elo cultural na prática da medicina tradicional.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Em se tratando de iniciativas de conservação e uso sustentável de produtos florestais não madeireiros e/ou produtos de cultivos rurais nessas comunidades tradicionais mato-grossenses, podemos dizer que a diversidade das plantas presentes nas residências ou mesmo nas regiões de matas atendem à soberania alimentar dessas famílias rurais, que ainda exercem práticas ancestrais que são repassadas de geração em geração ao longo da história e trajetória de ocupação nas terras altas e baixas do Mato Grosso.

Devido às práticas de manejo e conservação da biodiversidade nos biomas locais essas comunidades não apresentam ameaças de rompimento imediato de atividades etnobotânicas, fato presenciado durante *guided tour* e a comprovação da variedade das plantas presentes, especialmente para os usos medicinal e alimentício. Também se evidenciou que os sistemas agroflorestais são predominantemente incorporados com práticas envolvidas pela cultura e identidade tradicional. As comunidades são detentoras de práticas culturais, ecológicas, alimentares e econômicas e contribuem para serviços culturais locais como, por exemplo, conservação da paisagem, patrimônio e identidade cultural ancestral. Futuramente podem sofrer ameaçadas pela substituição da paisagem natural e/ou pela não continuidade dessas práticas, resultantes de impactos sociais responsáveis pela transição, podendo gerar uma situação de insegurança alimentar para essas populações.

Em termos de práticas etnobotânicas essas comunidades apresentam semelhanças cultural e religiosa, que se aproximam fortemente do Velho Mundo, dada as suas origens ancestrais, as quais são praticadas em outras comunidades rurais mato-grossenses. Neste caso, o fato que melhor explica este conhecimento botânico e etnobotânico, mesmo sem ter estudado em bancos escolares, é a forma como eles lidam com o lugar da natureza e a natureza do lugar, local em que vivem e convivem ao longo do tempo, moldando a paisagem e revelando a história, a sobrevivência, a cultura dessas populações nos biomas do Centro-oeste do Brasil.

## **REFERÊNCIAS**

- AB'SABER, A. N. Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003, p. 115-136.
- ALBUQUERQUE, U.P. LUCENA, R.F.P. CUNHA, V.F.C. Métodos e Técnicas na Pesquisa Etnobiológica e Etnoecológica. 1. ed. Recife: NUPEEA, 2010. 559 p.
- ALBUQUERQUE, U.P. HANAZAKI, N. As pesquisas etnodirigidas na descoberta de novos fármacos de interesse médico e farmacêutico: fragilidades e perspectivas. Revista Brasileira de Farmacologia, São Paulo, v. 16, p. 678-689, 2006.
- AMOROZO, M. C. M. *Sistemas agrícolas de pequena escala e a manutenção da agrobiodiversidade - uma revisão e contribuições*. Rio Claro/ Botucatu, Edição FCA – UNESP. 2013.

AMOROZO, M. C. M. A abordagem etnobotânica na pesquisa de plantas medicinais. In: DI STASI, L. C. (Org.) *Plantas medicinais: arte e ciência* – um guia de estudo interdisciplinar. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1996. p. 47-68.

APG IV – Angiosperm Phylogeny Group. An update of the Angiosperm Phylogeny Group classification for the orders and families of flowering plants: APG IV. *Botanical Journal of the Linnean Society* 181: 1-20. 2016.

ÁVILA J.V.C, ZANK S, VALADARES K.M.O, MARAGNO J.M, HANAZAKI N. 2015. The Traditional knowledge of quilombola about plants: does urbanization matter? Ethnobotany Research & Applications 14: 453-462. 2015.

BALDIN, N. MUNHOZ, E.M.B. Snowball (bola de neve): uma técnica metodológica para pesquisa em educação ambiental comunitária. In: X Congresso Nacional de Educação. Curitiba: PUCPR, Anais... 07 a 10 de novembro de 2011. p. 329-341.

CABALLERO, J. La Etnobotânica. In: BARRERA, A. (Ed.). *La Etnobotânica: tres puntos de vista y una perspectiva*. INIREB, Xalapa. 1979. p. 27-30.

COSTA, I. B. C.; BONFIM, F. P. G.; PASA, M. C. Ethnobotanical survey of medicinal flora in the rural community Rio dos Couros, state of Mato Grosso, Brazil. *Boletín Latinoamericano y del Caribe de Plantas Medicinales y Aromáticas* 16 (1): 53 – 67. 2017.

FAO. *Enabling agriculture to contribute to climate change mitigation*. FAO submission to the UNFCCC. The Food and Agriculture Organization of the United Nations. Rome. 2009.

FAO. *A Biodiversidade a Serviço da Segurança Alimentar*: informe da FAO para América Latina e Caribe sobre o Dia Mundial da Alimentação. 2004.

FERREIRA, A. L. S., PASA, M. C., NUNEZ, C. V. A Etnobotânica na Comunidade Barreirinho. Santo Antônio do Leverger – MT, Brasil. *Interações*, v.15, n.2, pág. Campo Grande. P. 85-100. 2016.

FERREIRA, A. L. A. MATSUBARA, L. S. Radicais livres: conceitos, doenças relacionadas, sistema de defesa e estresse oxidativo. *Revista da Associação Médica Brasileira*, v. 43, p. 163-168,1997.

FIEBIG, G. A & PASA, M. C. As plantas medicinais na comunidade Passagem da Conceição, Mato Grosso, Brasil. *Adv. For. Sci.*, v.5, n.1, p.237-248, 2018.

GASPARRI, S. Estudo das Atividades Antioxidante e Mutagênica/Antimutagênica induzidas pelo Extrato Vegetal de Costus spicatus. 2005. Dissertação-Universidade Luterana do Brasil, Mestrado - Diagnóstico Genético e Molecular, Canoas, 2005.

GUARIM, NETO, G., GUARIM, V. L. M., MACEDO, M. Etnobiologia e Etnoecologia: pessoas & natureza na América Latina. In: Silva, V. A., Almeida, A. L. S., Albuquerque, U. P.

(Orgs.) *Quintais urbanos e rurais em Mato Grosso: socializando espaços, conservando a diversidade de plantas.*, 1<sup>a</sup> ed. Recife: Nuppea, 2010. 321-328p.

HATTORI, E.K.O., NAKAJIMA, J. N. A família Asteraceae na Estação de Pesquisa e Desenvolvimento Ambiental Galheiro, Perdizes, Minas Gerais, Brasil. *Rodriguésia*, v.59, n. 4, p. 687-749. 2008.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Mapa de biomas*. 2010.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Mapa de biomas*. 2016.

LEITE, I. A MORAIS, A. M., Ó, K D. S., CARNEIRO, R. G., LEITE, C. A. A etnobotânica de Plantas Medicinais no Município de São José de Espinharas, Paraíba, Brasil. *Biodiversidade*, v. 14, n.1, p. 22-30, 2015.

LIMA, C. B. DE, BELLETTINI, N. M. T., SILVA, A. S. DA, CHEIRUBIM, A. P., JANANI, J. K., VIEIRA, M. A. V., & AMADOR, T. S. (2008). Uso de plantas medicinais pela população da zona urbana de Bandeirantes-PR. *Revista Brasileira De Biociências*, 5(S1), pg. 600–602. Recuperado de <https://seer.ufrgs.br/index.php/rbrasbioci/article/view/115911>

LORENZI, H. *Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil*. Nova Odessa, São Paulo: Instituto Plantarum, p. 368, 2002.

MINAYO, M. C. S. O desafio da pesquisa social. In: Minayo MCS. (org.) *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 29th. ed. Petrópolis, Vozes. 1994.

MINAYO, M. C. S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 10th. ed. São Paulo, Hucitec. 2007.

MIRANDA, R. A. O & PASA, M. C. Agrobiodiversidade dentro e fora das florestas do Cerrado. Mato Grosso. Brasil. *Biodiversidade*. v.19, n.3. p. 53-69. 2020.

PASA, M. C. *Um olhar etnobotânico sobre as comunidades do Bambá*, Cuiabá, MT. Ed. Entrelinhas, Cuiabá, MT. 176 p. 2007.

PASA, M. C; HANAZAKI, N; SILVA, O. M. D.; AGOSTINHO, A.; ZANK, S.; ESTEVES, M. I.P.N. Medicinal plants in cultures of Afro-descendant communities in Brazil, Europe and Africa. *Acta Botânica Brasílica*, 33(2): 340-349. 2019.  
<https://doi.org/10.1590/0102-33062019abb0163>. 2019.

PASA, M. C. Medicina tradicional em comunidades mato-grossenses. *Biodiversidade*, v. 19, n. 2, p. 02-19. 2020.

PASA, M. C. *Medicina Tradicional na Amazônia Brasileira*. 1. ed. Cuiabá: EdUFMT. MT. E-book. 2021. 162 p. ISBN: 9786555881080. 2021.

PHILLIPS, O. Some quantitative methods for analyzing ethnobotanical knowledge. In: Alexiades, M. N. (Ed. ) Selected Guidelines for Ethnobotanical Research: a field manual. NY. NYBG, 1996.

PHILLIPS, O. *Los enfoques cuantitativos em etnografía y etnobiología*: Some Quantitative Methods for analyzing Ethnobotanical knowledge . Métodos Quantitativos em Etnobotânica. p. 182 – 194. 1996.

PHILLIPS, O. GENTRY, A.H. The useful plants of Tambopata, Peru. I. Statistical hypotheses with a new quantitative technique. *Economic Botany* 47 (1): 33-43. 1993 a.

SOUZA, V. C, FLORES, T. B, COLLETTA, G. D et al. *Guia das Plantas do Cerrado*. Piracicaba, SP: Taxon Brasil. 583p. 2018.

VOEKS, R. A. Are women reservoirs of traditional plant knowledge? Gender, ethnobotany and globalization in northeast Brazil. Singapore *Journal of Tropical Geography* 28: 7-20. 2007.

VOEKS, R. A. Ethnobotany. In: International Encyclopedia of Geography. Fullerton, John Wiley & Sons 1: 1- 4. Voeks RA, Rashford J. 2013. African ethnobotany in the Americas. New York, Springer. 2017.

VOEKS, R. A. RASHFORD, J. African ethnobotany in the Americas. New York, Springer. 2013.

ZANK, S. ÁVILA, J.V.C, HANAZAKI N. Compreendendo a relação entre saúde do ambiente e saúde humana em comunidades Quilombolas de Santa Catarina. *Rev. Bras. Pl. Med.*, Campinas, 18(1): 157-167. 2016.

ZANK, S. HANAZAKI, N. 2017. The coexistence of traditional medicine and biomedicine: A study with local health experts in two Brazilian regions. *PLoS One*, 12, 0174731. 2017.

## HISTÓRICO

*Submetido:* 28 de agosto de 2024.

*Aprovado:* 30 de novembro de 2024.

*Publicado:* 14 de novembro de 2024.

## COMO CITAR O ARTIGO - ABNT

LEZAN, L. Z.; RIBEIRO, T. A. N.; PASA, M. C. Etnobotânica nas terras altas e baixas no centro-oeste do Brasil. **FLOVET - Flora, Vegetação e Etnobotânica**, Cuiabá (MT), v. 2, n. 13, e202024017, 2024.